

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

104

INSCRIÇÕES 460-463



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2013

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ARA FUNERÁRIA ROMANA DE MOURA
(*Conventus Pacensis*)

Na primavera de 2011, no decorrer da escavação do castelo de Moura, identificou-se na esquina de um edifício medieval, presumivelmente do final do período islâmico (Fig.1), esta ara funerária romana, de mármore do tipo Estremoz / Vila Viçosa, com alguma pátina, certamente devida ao contacto com o solo, poia a zona foi muitos anos uma horta (Fig. 2). Foi integrada no acervo do Museu Municipal de Moura.

No capitel, sobre o soco superior, havia decerto fastígio central arredondado (porventura com fôculo), ladeado de toros apenas delineados, não autónomos (Fig. 3). Dele separada por filete directo, uma moldura de garganta directa decorada com motivos vegetalistas, em jeito de folhas de acanto estilizadas, em três registos consecutivos – motivo que se repete nas três faces (à excepção da posterior, que está moldurada mas não decorada), a indicar que a peça foi pensada para ser encostada a um elemento arquitectónico. Novo filete directo faz a transição para o fuste. Idêntica sequência decorativa, acrescente-se desde já, existe na base, emprestando ao conjunto invulgar elegância estética, realçada pelo campo epigráfico em forma de pórtico de volta perfeita, também ele emoldurado em todo o seu perímetro com motivos vegetalistas estilizados. O facto de as fórmulas inicial e final se encontrarem fora do campo epigráfico, ainda que na face anterior do fuste, leva a supor que já haviam sido previamente gravadas e a peça se encontrava preparada na oficina do lapidário, à espera, apenas, de comprador, para que se

gravassem então os dizeres adequados; a superfície a epigrafar foi previamente bem alisada, como pode ver-se na parte final, onde se não fez sentir nenhuma espécie de erosão e onde, também por isso, se observa nitidamente o trabalho do gradim na banda que envolve a moldura. Do ponto de vista lapidar, um exemplar magnífico, portanto. Aliás, se atendermos, por exemplo, ao desenho que Frei Manuel do Cenáculo apresenta da epígrafe de Sobral da Adiça,¹ verifica-se que haveria na região oficina de apurado gosto estético, certamente porque também teria compradores de posses. Os erros de escrita a que adiante se aludirá indiciam, por seu turno, ter sido epígrafe ditada para um lapicida praticamente analfabeto, que escreveu conforme lhe pareceu ouvir ou, então, entendeu mal a minuta manuscrita que lhe foi entregue (Fig. 4).

Do lado direito, foi esculpida em relevo uma pátera circular com *umbo* central e cabo (Fig. 5). Muito bem delineada, tem vestígios de decoração na zona de junção do cabo ao disco, mas de muito difícil leitura. Do lado esquerdo, há vestígios muito ténues do jarro — cuja base se situa a 61 cm da parte inferior da ara.

Dimensões: 150,5 x 55/59,5 x 33,5/34,5.

Campo epigráfico: 53 x 34.

Pátera: 29 x 15,5 (diâmetro).

D(is) (hedera?) M(anibus) (hedera?) S(acrum) // CEPLCA
[sic] / MARIA VI/SIC [sic] AN(nis) LX (sexaginta) / ⁵ [LI]
BERTVS HERES / MOEILVS / MALRI [sic] FA(ciendum)
C(uravit) // H(ic) · S(ita) · E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(evis)
(hedera)

Consagrado aos deuses Manes. Cephca (?) Maria viveu 60 anos. Meilo, liberto, herdeiro, mandou fazer à mãe. Aqui jaz. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: l. 1: 5,5 (S = 6,5); l. 2: 5,5/5; l. 3: 4,5/5,5; l. 4: 4,5/4 (S = 6); l. 5: 4,5/5,5; l. 6: 4,5/5; l. 7: 4,5 (F = 5; AC = 4); l. 8: 4,5/5,5. Espaços: 1: 5,5; 2: 3,5; 3: 3; 4: 4; 5: 3,5; 6: 3; 7: 2,5.

¹ ENCARNÇÃO, José d', «Epigrafia romana de Moura», *Moura na Época Romana*, Câmara Municipal de Moura, 1990, 49-51 [acessível em <http://hdl.handle.net/10316/20763>].

A forma do campo epigráfico obrigou a uma paginação que seguiu minimamente o eixo de simetria exigido. Não é possível garantir, devido ao desgaste; contudo, quer-nos parecer que, na fórmula inicial, se terão gravado duas heras, de traçado idêntico à que surge no final da epígrafe, de fino recorte cordiforme e gracioso pecíolo; e na fórmula final houve pontuação triangular, inexistente, porém, no texto propriamente dito.

Caracteres actuários: M largo; O levemente ovalado; B assimétrico; R feito a partir do P com haste recta; C de recorte ovalado e oblíquo; L de barra oblíqua, como, de resto, é a tendência de todos os caracteres da l. 2: a inclinação das barras para baixo (veja-se o E da l. 2) ou para cima (os EE das linhas 6 e 7); o A tem travessão bem nítido na l. 1, sendo menos nítido na l. 2, onde inclusive o primeiro se apresenta em jeito de lambda com a perna da direita alongada para lá do vértice. Nexo TL na l. 8.

A leitura não oferece dúvidas. O problema reside, todavia, na interpretação, pois não se encontra paralelo para um antropónimo *Moeilus*. Não nos inclinamos para que se trate de nome indígena até agora não registado, pois que o que se conhece da epigrafia da zona o desaconselha claramente; vemos aí, de preferência, a má grafia de um nome que se ouviu mas que se não conseguiu grafar convenientemente. Prova cabal do que se acaba de afirmar é também a grafia de VIXIT, completamente anómala: VISIC. De resto, o mesmo se terá passado na l. 1: CEPLCA ocultará seguramente um estranho nome comum, a descobrir, em que o L seria, necessariamente, uma vogal, mas que não pode ser E nem I, na medida em que estas letras estão bem desenhadas no texto.² Na l. 7, foi grafado, claramente, MALRI, que deverá interpretar-se MATRI, circunstância que ratifica o que se acaba de afirmar acerca da má compreensão da minuta. De seguida, está EA C – interpretação errónea por FA(*ciendum*) C(*uravit*); aliás, até pode suspeitar-se que o A (aqui sem barra) esteja a mais, porque o lapicida escreveu de ouvido. Idêntica anomalia se terá registado na l. 5 (falta da primeira sílaba de LIBERTVS), interpretação que se nos afigura não oferecer dúvida, até porque de seguida há *heres*, o que nos leva a pensar que Ceplca Maria deu a liberdade ao filho e o proclamou seu herdeiro; por isso ele

² Uma hipótese seria o diminutivo de *Cepa* formado com o sufixo *-eca*.

tratou da sepultura e mandou gravar epitáfio.

Por seu turno, *Maria* é um *nomen* (comum na Lusitânia) e deveria ter sido posto antes do *cognomen*.

Enfim, retomando o raciocínio atrás exarado aquando da descrição da ara, a análise do texto – se bem o interpretámos – demonstra perfeitamente uma situação que noutras ocasiões se verifica: há um suporte bonito, de fino recorte clássico, dentro dos padrões estéticos mais ostentosos vigentes na zona; há quem detenha poder económico para o adquirir, mormente, por exemplo, como se sugeriu, por ter recebido herança com essa finalidade, até (quicá!) por disposição testamentária (aqui, porém, não expressa); mas a esse poder económico – efectivo ou temporário – não corresponde idêntico elevado grau de alfabetização. E acrescente-se que também noutro âmbito esta epígrafe é eloquente, porque nos põe a questão: falta de alfabetização por parte de quem? Do encomendante, do lapicida ou dos dois? Poderia ser apenas do lapicida, pois, face à gravação já feita e não acompanhada, era natural que o encomendante não tivesse tido outro remédio senão... aceitar. Isso no caso de se haver apercebido dos lapsos cometidos!...

Pela paleografia e, de modo especial, pelo mui incipiente domínio da linguagem escrita, é epígrafe que colocaríamos na segunda metade do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

JOSÉ GONÇALO VALENTE

VANESSA GASPAR

MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES

SANTIAGO MACIAS



1



3



4



2



5